

**MACHO NA RODA:  
enfrentamento à  
violência contra a  
mulher por meio do  
ciberfeminismo em  
Belém-PA**

MACHO NA RODA: combating  
violence against women  
through cyberfeminism in  
Belém-PA

MACHO NA RODA:  
afrontamiento a la violencia  
contra la mujer mediante el  
ciberfeminismo en Belém-PA

**Isabella Régis Moraes Ferreira Soares<sup>1</sup>  
Maria Ataíde Malcher<sup>2, 3</sup>**

## RESUMO

O presente artigo traz o recorte de um estudo de caso que teve como objetivo entender qual as motivações que impulsionaram o ciberativismo da página feminista no Facebook *Macho na Roda-Belém*, página esta que se mostrava como um espaço em que mulheres que foram violentadas de alguma forma por homens se sentissem seguras para relatar, de forma anônima, sobre suas experiências dramáticas, com a finalidade de alertar outras mulheres sobre os riscos que aquele homem representa. Entre os diversos aspectos da página analisados, destacamos neste artigo as motivações e experiências das mulheres

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [isabella.moraess@gmail.com](mailto:isabella.moraess@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom), certificado pelo CNPq. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). E-mail: [ataidemalcher@uol.com.br](mailto:ataidemalcher@uol.com.br).

<sup>3</sup> Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Rua Augusto Corrêa, n.1, Guamá, 66075900 - Belém, PA – Brasil.

que enviaram os relatos anônimos, chamadas de relatoras. A análise das entrevistas com as relatoras se dá essencialmente sob a luz do conceito de *fatores inibidores* de Montserrat Sargot e das perspectivas das pessoas em condição de vítima reveladas por Howard Zehr.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudo de caso; Ciberfeminismo; Fatores Inibidores; Vítima; Performances catárticas.

#### **ABSTRACT**

The present article brings the cut of a case study that aimed to understand the motivations that drove the cyberactivism of the feminist page on Facebook *Macho na Roda-Belém*, page that presents itself as a space in which women who were violated in some way by men felt safe for anonymously report on their dramatic experiences in order to alert other women about the risks that this man represents. Among the various aspects of the page analyzed, we highlight in this article the motivations and experiences of the women who sent the anonymous reports, called rapporteurs. The analysis of the interviews with the rapporteurs occurs essentially in the light of the concept of inhibiting factors of Montserrat Sargot and the perspectives of the victims as revealed by Howard Zehr.

**KEYWORDS:** Case study; Cyberfeminism; Inhibiting Factors; Victim; Cathartic performances.

#### **RESUMEN**

El presente artículo trae el corte de un estudio de caso que tuvo como objetivo comprender las motivaciones que impulsaron el ciberactivismo de la página feminista en Facebook Macho na Roda-Belém, página que se presenta como un espacio en el que las mujeres que fueron violadas de alguna manera por los hombres se sintieron seguras para informar anónimamente sobre sus experiencias dramáticas con el fin de alertar a otras mujeres sobre los riesgos que representa este hombre. Entre los diversos aspectos de la página analizada,



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p357>

destacamos en este artículo las motivaciones y experiencias de las mujeres que enviaron los informes anónimos, llamadas ponentes. El análisis de las entrevistas con las ponentes se produce esencialmente a la luz del concepto de factores inhibidores de Montserrat Sargot y de las perspectivas de las víctimas reveladas por Howard Zehr.

**PALABRAS-CHAVES:** Estudio de caso; Ciberfeminismo; Factores inhibidores; Víctima; Actuaciones catárticas.

Recebido em: 27.02.2017. Aceito em: 15.07.2017. Publicado em: 01.08.2017

## Introdução

Tendo a internet como espaço público de debate, o ciberfeminismo permitiu que as mulheres se reafirmassem como uma comunidade por novos meios, estando dispostas a se ouvir e se fazer ouvidas. Nestes tempos em que o mundo se encontra conectado por internet sem fio, o movimento feminista pôde difundir de forma rápida e viral seus ideais, de maneira semelhante a que aconteceu com diversos movimentos sociais surgidos na era da internet:

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governo e empresas - que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. (CASTELLS, 2013, p. 11-2)

O feminismo nas redes sociais proporcionou meios para que as mulheres tivessem contato com os dramas vividos por outras mulheres que estão dentro e fora do seu círculo social cotidiano, e muitas vezes puderam se identificar (ou identificar mulheres próximas de si) dentro dessas experiências compartilhadas. Este repertório semelhante entre emissores e receptores da mensagem preencheu de forma considerável a lacuna da proximidade entre mulheres de diferentes contextos sociais por meio da ativação de emoções.

Essa rede de indignação e esperança formada pela exposição da atual condição feminina nas redes sociais foi o impulsionador de diversas ações e campanhas feministas de grande repercussão nacional, como as campanhas:

Não Mereço Ser Estuprada<sup>4</sup> e #primeiroassédio<sup>5</sup>. Essa efervescência do cyberfeminismo nas redes sociais brasileiras construiu o contexto de mobilização e indignação necessárias para o surgimento e considerável engajamento da página do Facebook *Macho na Roda-Belém*, o objeto empírico do caso estudado neste trabalho.

Lançada no dia 17 de julho de 2016 no Facebook, a página *Macho na Roda-Belém* conquistou em 3 meses mais de 25.050 curtidas, número que tendia a crescer a cada dia, e chegou a constar com pouco mais de 682 publicações<sup>6</sup>. Conforme informações cedidas pelas administradoras da página<sup>7</sup>, a página recebia cerca de 30 relatos por semana na caixa de mensagens, porém, recebia uma quantidade razoável de mensagens que incluem não apenas os relatos mas também apoio e ameaças. De acordo com as administradoras, a ideia de criar a página surgiu quando uma delas propôs em um grupo feminista mais restrito que fosse criado um espaço em que mulheres que foram violentadas de alguma forma por homens se sentissem seguras para relatar sobre suas experiências dramáticas, com a finalidade de alertar outras mulheres sobre os riscos que aquele homem representa:

---

<sup>4</sup> Campanha cyberfeminista fomentada pela jornalista brasileira Nana Queiroz em 28 de março de 2014, em que propunha que mulheres divulgassem fotos acompanhadas da frase "Não mereço ser estuprada".

<sup>5</sup> Inicialmente provocada no Twitter pelo projeto feminista Think Olga que logo transbordaria para o Facebook, a hashtag foi uma reação à comentários no Twitter com teor sexual durante a estreia do reality show de culinária Masterchef Jr vindos de homens atraídos por uma das participantes do programa de 12 anos de idade.

<sup>6</sup> Dados referentes ao período de análise da *Fanpage* Macho na Roda-Belém: 17 de julho de 2016 à 17 de outubro de 2016.

<sup>7</sup> Informações coletadas em entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2016.

**Macho na Roda - Belém**

8 h · 🌐

[GATILHO: ESTUPRO]

"Soube de casos que ele conheceu meninas através de um app de paquera. Ele é negro, careca, tem mais ou menos 1,70, uns 40 anos, inicial H. Parece um cara bacana, educado, chama pra ir a um barzinho que toca músicas tipo rock anos 80. Bebe, fica com a menina, acaba no motel e aí começa o inferno em si. A menina, sóbria, diz que só transa se for de camisinha. O que acontece? Ele surta! E se aproveita de ser policial (sim, ele usa isso) pra intimidar. Anda armado e faz questão de deixar à vista o instrumento que deveria ser usado no trabalho, além de olhar de um jeito ameaçador. Quem reagiria a isso, não é mesmo? A partir daí, ato consumado, pega à força, machuca, diz coisas horríveis, como o que fará caso a vítima não 'relaxe'. Depois se desespera, chora, culpa a vítima por ele 'não conseguir se controlar', já que ela 'não colabora'. Diante dessa sucessão de atitudes, a vítima fica imóvel, afinal. Após tudo isso qualquer pessoa quereria distância de um cara desses, mas, ainda assim, ele procura a menina que estuprou para querer tudo novamente (!), afirmando que a mesma sumiu (tipo q?) e, por mais que ela expresse claramente o motivo de nunca mais querer vê-lo, ele apenas para de falar e só então some. Suas vítimas têm medo de denunciá-lo, pois temem por suas vidas, sabem que muitos policiais se protegem e por isso, guardam imóveis essas lembranças horríveis. Então resolvi colocar isso aqui, cuidado meninas..."



Figura 1 Printscreen de publicação na página Macho na Roda Belém

O ato de compartilhar experiências íntimas em formato de relato em uma plataforma de comunicação de massa como a internet, demonstra uma retomada da autonomia da mulher sobre a própria fala, o que pode ser muito empoderador para este grupo social que é sistematicamente silenciado. A página *Macho na Roda-Belém* se propunha a ser uma plataforma de divulgação de relatos anônimos, portanto, podemos afirmar que a página reúne vários processos de autocomunicação (CASTELLS, 2013).

O diferencial da página dentre outras ações dessa espécie de ativismo é a concentração territorial dos relatos na Região Metropolitana de Belém (PA),

além de serem fornecidos nos relatos um detalhamento maior do homem denunciado como as iniciais do nome, características físicas e ocupação, permitindo assim que os leitores da página reconheçam o homem que está sendo denunciado, o que gera, em determinados casos, uma repercussão externa à página. Cabe ressaltar que este tipo de ação ciberfeminista tem como pioneira a página que surge em Belém do Pará.

Os relatos, que nunca têm a sua autoria revelada, tratam de diversos temas de preconceitos e violências contra a mulher, sendo a maioria sobre relacionamentos abusivos, estupro, pedofilia e assédio. Não precisamos fazer muito esforço para perceber que todos os casos de violência e preconceito relatados vão ao encontro de alarmantes estatísticas as quais as mulheres estão sujeitas atualmente. São situações de humilhação, abuso e exploração que fizeram com que as vítimas acumulassem vários sentimentos negativos, sentimentos estes que impulsionaram uma ação que serviu como uma descarga de emoções negativas, isto é, como uma catarse (REZENDE, 2014). Conforme o pensamento de Castells (2013), o acúmulo de sentimentos negativos se transformando em uma ação após a superação do receio seria a primeira condição para que experiências individuais desencadeiem um movimento social.

Cada relato enviado para a página *Macho na Roda-Belém* representa uma performance catártica (REZENDE, 2014) de uma mulher anônima. O conceito de performance catártica que utilizamos foi cunhado pela pesquisadora Renata Rezende (2014), e trata-se de conceito este usado pela autora para descrever um método narrativo presente nas redes sociais que tem como objetivo a descarga de determinadas emoções provocados por experiências trágicas ou indignação:

Dentro do espaço das redes sociais, particularmente do Facebook, que observamos como se dá a construção do que denominamos de performances catárticas, uma espécie de catarse cotidiana, desenvolvida por meio dos relatos e postagens na rede, cujas experiências contemplam não apenas eventos trágicos pessoais, como a perda de um ente querido, um grave acidente, ou o romper de um relacionamento amoroso, mas também a indignação por atos de corrupção, comentários contra crimes hediondos, manifestações contra diversas formas de preconceitos, entre outros textos. (REZENDE, 2014, p. 144)

O grande número de pessoas que aderiram à ação da página, seja enviando os relatos, compartilhando ou comentando, é um reflexo da velocidade e interatividade características da plataforma virtual em que a página está ambientada, e em razão dessas características “maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança” (CASTELLS, 2013, p. 23).

### **Relatoras**

Tentar interpretar toda a subjetividade que os relatos enviados para a página *Macho na Roda-Belém* carregam apenas com a leitura dos textos que foram publicados se mostra um tanto pretensioso para concluir as complexas expectativas e experiências que os envolvem. Tendo isso em vista, ao invés de nos aventurar na interpretação de motivações aparentes com o nosso filtro de vivência, preferimos alcançar uma camada mais profunda da ação da página por meio dos sujeitos essenciais para a movimentação dessa prática ciberfeminista, as próprias relatoras.



Por meio de 21 entrevistas semi-estruturadas coletadas no período de 16 de outubro de 2016 a 16 de novembro de 2016, pudemos compreender melhor os sentimentos e contextos que levaram as relatoras a enviar os relatos, assim como as expectativas que depositaram neles e outros sentimentos que envolvem este ato. Por meio da comparação das respostas recebidas, analisamos os termos usados mais frequentemente e destacamos sentenças em particular que nos permitissem abrir pontos de reflexão.

Sendo presumível a preferência pela não identificação, a única informação pessoal que foi pedido às entrevistadas foi a idade. A maioria das relatoras se encontram na casa dos 20 anos de idade, representando aproximadamente 81% das entrevistadas, o que nos permite que esta é a faixa etária feminina que mais teve contato e fez uso do ciberfeminismo da página *Macho na Roda-Belém*.

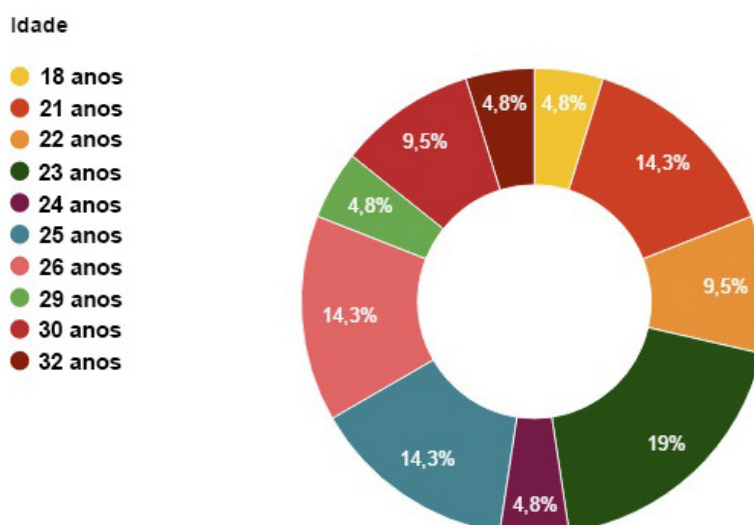


Figura 2 Gráfico da idade das relatoras que participaram da pesquisa.

Outro ponto que se faz necessário ressaltar é o fato de que não podemos presumir que todas as relatoras se reconhecem como feministas e têm um papel ativo no movimento, porém, a atitude de enviar o relato tem como essência (como perceberemos no decorrer deste capítulo) romper com o silenciamento que conforma e perpetua a violência contra a mulher, ou seja, romper com uma situação que o sexismo estrutural condiciona o sexo feminino, sendo portanto um ato político que pode ser interpretado como uma atitude feminista. Em suma, podemos afirmar que a atividade da página encabeçada pelas administradoras, estas que são assumidamente feministas, e o ato de enviar o relato são fatos que dialogam com o feminismo, mesmo que não possamos afirmar que todas as relatoras se veem como feministas.

### **Fatores inibidores no apoio solidário**

Para começarmos a compreender as motivações do relato, é importante percebermos o contexto que precede este ato. De acordo com as respostas recebidas, a maioria das relatoras (61,9 %) já haviam contado a situação de violência que foi relatada posteriormente na página para amigos, familiares ou profissionais da área psicossocial, pessoas que compõem o que chamaremos de apoio solidário (SARGOT, 2000). Entretanto, dentro deste percentual algumas confessaram que conversaram apenas de forma superficial sobre o ocorrido, sem entrar em muitos detalhes como fizeram no relato enviado para a página.

Relatou o fato à conhecidos

● Não  
● Sim

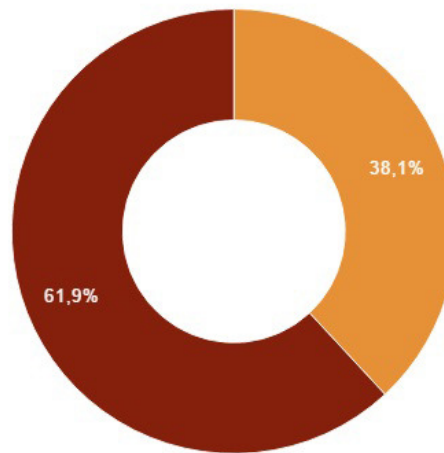


Figura 3 Gráfico das respostas à pergunta 2) Já havia relatado o caso com amigos, familiares ou algum profissional (psicólogo, psiquiatra, terapeuta, assistente social, advogada(o)...)?

Aquelas que não haviam se permitido externar para pessoas próximas a situação de violência antes do advento da página nos deram respostas que carregam consigo características comuns da mulher que é colocada em condição de vítima:

A situação me dava muita vergonha e eu me sentia culpada (Entrevistada 02, anexo 03)

Na época, ninguém sabia. Não falava por vergonha de ter um relacionamento ruim e medo da culpabilização da vítima. Também acabei me afastando de todo mundo, família e amigos, então não conversava mais com ninguém. E depois que acabou, já tava acostumada a guardar tudo. Além disso, demorei um tempo pra absorver, entender e dar nome ao que tinha acontecido realmente. (Entrevistada 06)

Depois de passada a agressão mais cruel, em que fiquei sob poder do agressor de 22h à 1h da manhã dentro de um carro, só consegui proceder à denúncia quase duas semanas depois. Sentia vergonha, medo de ser exposta e várias sensações que não fazem o menor sentido hoje. Mas, há 1 ano atrás não tinha confiança e tinha medo de exposição. (Entrevistada 12)

Me senti culpada. Achei que eu era responsável pelo que havia acontecido (Entrevistada 21)

Quando perguntadas sobre porque não haviam relatado a violência para pessoas próximas, 10 das 12 relatoras<sup>8</sup> que responderam utilizaram o termo “vergonha” para explicar porque não relataram ou demoraram para fazê-lo. Além da vergonha, o medo de ser julgada e o medo da exposição são expressões que estão explícita ou implicitamente citadas em algumas respostas. Esse receio de ser reconhecida como vítima de uma situação de violência e arcar com todo o julgamento que emana disso nos dá as primeiras pistas para entendermos o que levou essas mulheres a enviar o relato, uma vez que a condição de relatora anônima oferecida pela página se torna oportuno para a não identificação da vítima. Menos citado<sup>9</sup> porém não menos alarmante, o sentimento de culpa pela violência da qual foi vítima também se faz presente expressamente em algumas respostas.

Vergonha, culpa e medo de ser julgadas são sentimentos comuns entre mulheres que estiveram ou estão envolvidas em situação de violência, são reconhecidos como fatores inibidores (SARGOT, 2000) que impedem essas

---

<sup>8</sup> Total que envolve algumas dos 61,9% que responderam à pergunta 2) *Já havia relatado o caso com amigos, familiares ou algum profissional (psicólogo, psiquiatra, terapeuta, assistente social, advogada(o)...)?*

<sup>9</sup> Citado expressamente em 4 das 12 respostas recebidas sobre à pergunta 2) *Já havia relatado o caso com amigos, familiares ou algum profissional (psicólogo, psiquiatra, terapeuta, assistente social, advogada(o)...)?*

mulheres de questionar a situação em que se encontram/encontravam e externar o fato para conseguir apoio. Com base nos estudos de caso de violência intrafamiliar de Montserrat Sargot (2000), é possível compreendermos melhor a razão do surgimento de tais sentimentos nos casos que envolvem relacionamentos abusivos:

Outros medos que inibem as mulheres de agir estão relacionados com os comandos da mãe e esposa, e os papéis tradicionais de gênero. Isto é, as mulheres têm medo de deixar seus filhos sem um pai, separar a família, não ser capaz de lidar com as responsabilidades domésticas sozinha, medo de estar sozinha, ser divorciada, o medo da censura familiar, escândalo, fofocas e, acima de tudo, o medo do desconhecido e as mudanças que suas decisões acarretariam. Laços de sangue e a instituição familiar têm um enorme peso simbólico na nossa sociedade e são marcados pelas ordens do dever, respeito, obediência e obrigações. Nesse sentido, todos esses medos se originam quando as mulheres afetadas sentem que as suas possíveis ações para sair da situação de violência atentariam contra essas ordens sociais sobre a família e o casamento, que são fundamentos da identidade feminina. Isto é especialmente verdadeiro nas áreas rurais onde as mulheres solteiras não são bem vistas e as culpam por não conseguir manter a família unida. Independentemente do país, classe social ou etnia, estas representações sociais, também reforçadas por algumas crenças religiosas que promovem o seu cumprimento, atuam como fortes fatores inibidores para as afetadas. [...]

Outro fator que detém as mulheres é a ideia de que o que acontece na família é privado. Esta instituição, bem como o casamento, apresenta uma grande resistência a intervenção externa, uma vez que está protegida por uma cultura que a valoriza como o ambiente da tranquilidade, intimidade ou, segundo o sociólogo americano estrutural-funcionalista, Talcott Parsons, "paraíso em um mundo sem alma". Por essa perspectiva, quando o espaço familiar torna-se um lugar violento, o que acontece frequentemente, as mulheres têm vergonha de mostrá-lo para fora e elas ainda se sentem responsáveis por não conseguir manter a imagem idealizada. (SARGOT, 2000, p. 97-8. Tradução nossa)

Apesar de analisar tais sentimentos pela perspectiva da violência intrafamiliar, Sargot (2000) se aproxima a uma concepção de sentimentos que são comuns a condição de vítima de outros crimes, nos permitindo dialogar com os estudos do criminologista Howard Zehr (2008). O sentimento de

vergonha vai além da frustração de não alcançar o relacionamento ideal, ele também advém, de acordo com Zehr (2008), do constrangimento de ter passado por uma situação que, até aquele momento, a pessoa vitimada não acreditava que pudesse acontecer com ela, abalando suas certezas sobre o mundo e si mesma, e por se ver colocada em uma condição de vulnerabilização e impotência, uma vez que em um contexto de violência a vítima perde sua autonomia pessoal por estar sob o domínio de outrem, se tornando mais difícil reagir e superar:

Qual o porquê dessas reações? Por que o crime é tão devastador, tão difícil de superar? Porque o crime é essencialmente uma violação: uma violação do ser, um dessacralização daquilo que somos, daquilo em que acreditamos, de nosso espaço privado. O crime é devastador porque perturba dois pressupostos fundamentais sobre os quais calcamos nossa vida: a crença de que o mundo é lugar ordenado e dotado de significado, e a crença na autonomia pessoal. Esses dois pressupostos são essenciais para a inteireza do nosso ser (ZEHR, 2008, p. 24)

A sensação de ser culpada pela própria violência sofrida vêm de valores da sociedade que coloca sobre as costas do sexo feminino as consequências de não seguir os comportamentos estabelecidos para elas, fato este que é refletido em diversas pesquisas como a "Tolerância social à violência contra as mulheres" do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea (2014), em que 58,5% dos entrevistados concordou com a frase "Se as mulheres soubessem como se comportar haveria menos estupros". Além desta perspectiva de gênero, a auto-culpabilização pode ser explicada como um mecanismo que as vítimas, que tiveram sua "auto-imagem de ser autônomo num mundo previsível" (ZEHR, 2008, p. 25) abalada pelo crime, consigam encontrar respostas para a causa da ocorrência, e tendem a extrair o motivo de si mesmas. Ávidas por respostas que restaurem sua certeza de mundo e autonomia pessoal, as vítimas criam uma certeza deturpada de ter localizado a causa do crime em um comportamento

seu que pode começar a ser evitado, e “sendo ela” a causa, ela volta a ter um certo controle e assim constroem um “simulacro de inteireza” (ZEHR, 2008, p. 24).

### Fatores inibidores no apoio institucional

Quando perguntamos às relatoras acerca da denúncia formal por meio do sistema de justiça ou à autoridade superior do estabelecimento/instituição onde a violência ocorreu, nos deparamos com estatísticas alarmantes:

#### Denunciou formalmente

- Não
- Sim

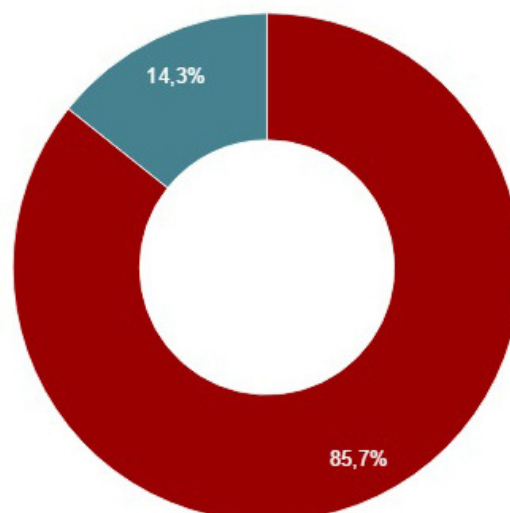


Figura 4 Gráfico das respostas à pergunta 4) *O caso foi ou irá ser denunciado à polícia, Ministério Público ou outra autoridade competente (ex: coordenação da escola ou faculdade, dono de estabelecimento...)?*

Entre as 3 únicas relatoras que denunciaram formalmente, apenas 1 tem um processo judicial sendo tramitado, e as demais não foram além<sup>10</sup> do Boletim de Ocorrência elaborado na delegacia. Enquanto isso, para aquelas que não formalizaram sua denúncia, entre as várias razões para não o terem feito a mais presente é a descrença no sistema judicial ou nas autoridades do estabelecimento/instituição, seguido da falta de provas:

Não, pois não confio na coordenação da faculdade, além de que o professor é renomado dentro e fora da instituição. O que me faz pensar que eu só seria exposta e constrangida. (Entrevistada 10)

É um caso complicado de ser denunciado e que já aconteceu há 5 anos. Hoje em dia não significa mais nada pra mim. (Entrevistada 15)

Ninguém iria acreditar (Entrevistada 17)

Já faz muitos anos e dificilmente resultaria em alguma condenação, por ser algo vivido na intimidade. Portanto, sem provas. (Entrevistada 18)

É fato reconhecido inclusive pelos próprios membros do sistema de justiça que a estrutura oferecida para a denúncia especializada a violência contra a mulher é precária desde suas primeiras fases, isto é, o atendimento nas Delegacias policiais. Atualmente, apenas 7,9% das cidades brasileiras possuem Delegacia da Mulher, tendo apenas 16 unidades no Estado do Pará, o que deixa 89,58% do estado paraense sem Delegacia da Mulher<sup>11</sup>. Cumulado com a falta de estrutura está a falta de capacitação dos funcionários que realizam o atendimento das mulheres que tentam formalizar a denúncia, tendo em vista que várias desistem do procedimento pelas dificuldades burocráticas em uma estrutura precária e a frequente culpabilização e descredibilidade do relato da vítima. Sobre isso, promotora de justiça e coordenadora do Grupo Especial de

<sup>10</sup> Não sabemos se após a entrevista se deu o encaminhamento judicial dos casos.

<sup>11</sup> Dados referentes ao *Dossiê das Delegacias da Mulher* realizado pela revista AZ Mina em 2016.



Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do Ministério Público de São Paulo, a Sílvia Chakian comenta<sup>12</sup>:

O discurso da vítima de violência sexual tende a ser entrecortado, até aparentemente incoerente, com lapsos de memória. Isso é muito comum, isso é próprio do pós-trauma. Mas, muitas vezes, esse agente público, que não tem essa capacitação sobre a perspectiva de gênero, tende a desacreditar, fazer questionamentos de forma exaustiva e revitimizar essas mulheres. É cobrado delas um excesso de coerência em detalhes, difíceis de fornecer (BERTHO, 2016: *on-line*)

Na visão de Sargot (2000), estas respostas institucionais ineficazes representam também fatores inibidores do enfrentamento a violência contra a mulher, uma vez que a culpabilização e descredibilidade da vítima, além das dificuldades estruturais e burocráticas tornam-se senso comum e fazem com que mulheres nem tentem formalizar a denúncia pois “não daria em nada” (Entrevistada 07):

As respostas institucionais inadequadas se tornam em parede e labirinto que detém as afetadas e as perde em um mundo de trâmites e procedimentos complicados. As representações sociais e atitudes negativas dos funcionários são parte integrante deste mundo que promove a impunidade. A burocracia das instituições, a ineficiência da polícia, a falta privacidade e confidencialidade, especialmente se eles vão para os serviços comunitários, informações imprecisas, desorientação e as pressões recebidas, a revitimização e cobrar por determinados serviços, tornam-se poderosos fatores inibidores para afectada. (SARGOT, 2000, p. 100-1. Tradução nossa)

Aqui notamos que o contorno das razões que levaram as relatoras a usar os meios ficam um pouco mais definidos. Além do anonimato que interessa às relatoras que têm receio de serem expostas e culpabilizadas, a página *Macho na Roda-Belém* representou para elas uma alternativa ao falho sistema de justiça:

---

<sup>12</sup> Em entrevista concedida ao *Dossiê das Delegacias da Mulher* realizado pela revista AZ Mina em 2016.

Não achei necessário [denunciar formalmente], porque a desmoralização do rapaz por meio da página já foi suficiente e ajudou muitas mulheres a não se relacionar com ele. Ou pelo menos, a se relacionar já sabendo como o rapaz era. (Entrevistada 19)

Creio que o tipo de comportamento da pessoa em questão não seria condenado judicialmente, entretanto, merecia ser exposto para que as pessoas envolvidas no caso não fossem mais enganadas. (Entrevistada 20)

Segundo Howard Zehr, "a experiência de justiça é algo que tem muitas dimensões" (ZEHR, 2008, p. 27) e para essas mulheres essa experiência de justiça se traduz na exposição do denunciado e no rompimento do silêncio sobre o caso.

### **Apertando a tecla *enter***

Para muitas relatoras, o ato de enviar o relato foi um ato de coragem diante das eventuais retaliações do homem denunciado, do silenciamento a que estavam condicionada e ao risco, mesmo com o anonimato, de serem identificadas, expostas e julgadas. Com tantos pontos negativos que poderiam obstruir sua decisão, quais motivos lhe impulsionaram a enviar o relato?

Pra desabafar. Pra alertar as meninas sobre ele (tentei deixar o mais óbvio possível). Pra, indiretamente, "contar" pra conhecidos. Pra engrossar o caldo e mostrar pras pessoas que o que não falta é mulher sofrendo na mão de macho escroto e que essa violência vem de diversas formas. Pra mostrar que certas atitudes naturalizadas dentro (Entrevistada 06)

Para que outras mulheres não sofressem o que sofri. (Entrevistada 08)

Senti necessidade de alertar outras mulheres sobre esse psicopata, bem como também senti prazer em expô-lo e contar a verdade para todos sobre quem ele realmente é. (Entrevistada 14)

Não enviei sobre relacionamento, mas sobre algo reverente que havia acontecido. Porque acho necessário expor qualquer tipo de homem que venha a ser abusivo, para que as mulheres os notem, saiba como ele é e também porque nem todas situações tem como punição o judicial, então a punição social é uma ótima forma (Entrevistada 16)

Lendo outros casos, aquilo voltou e senti necessidade de falar e alertar outras (Entrevistada 17)

Para buscar um alívio de, finalmente, poder externar isso. Para poder superar, finalmente. (Entrevistada 18)

Podemos perceber que o espectro de motivos presentes na fala vai da necessidade de desabafar ao sentimento de vingança, porém a motivação mais presente<sup>13</sup> nas respostas foi o anseio de alertar outras mulheres sobre o risco que o homem denunciado representa e conscientizara-las sobre a realidade do contexto de violência que, muitas vezes, pode ser algo sutil ou difícil de ver a si própria inserida nele. Portanto, o anseio de proteger a próxima e de servir ao bem comum de mulheres se mostra o maior impulsionador dos relatos enviados.

É indiscutível que há muitos ônus para o homem que é denunciado, prejudicando sua vida profissional e social tendo em vista o grande alcance e engajamento que a página possui, e aos olhos de muitas pessoas que acompanharam as atividades da página os relatos representavam um ato de vingança, entendendo-os como uma atitude moralmente errada por não seguir o devido processo legal do sistema de justiça ou institucional e ser uma espécie de “justiça com as próprias mãos”, ideia esta que é socialmente vista com maus olhos. Entretanto, tendo acesso a perspectiva das relatoras por meio das respostas, percebemos que o processo de raciocínio moral delas segue uma lógica diferente daqueles que julgam a atividade da página:

O cara era um conhecido, durante muito tempo não achei que as proporções do que ele fazia eram devastadoras para algumas garotas. Depois de um tempo tomei mais consciência do que tava

---

<sup>13</sup> Expressamente mencionado em 14 das 21 respostas recebidas para a pergunta *6) Por que decidiu enviar o relato para a página Macho na Roda-Belém?*

acontecendo, do quanto condenável eram as suas atitudes (mentiras, traições, assédio, manipulação). Me distanciei dele por um bom tempo, e me incomodei com tudo que ele ainda insistia em me contar sobre seus "feitos sexuais" com várias garotas, mesmo tendo namorada. Relutei imaginando o quanto poderia prejudicar a vida dele, mas pensei em todas as garotas sacaneadas por ele, e nas que ainda poderiam ser. Sinceramente, foi mais por sororidade do que por qualquer outro motivo. (Entrevistada 20)

Para ajudar outras mulheres a entender que, não importa o que você tenha feito, o lugar em que estava, ou qualquer outra coisa, se você não aceitou transar (e repetiu isso por mais de duas vezes): foi estupro. Além disso, mandei para o macho na roda quase 1 ano depois, pois, depois de largar a terapia por julgar ter melhorado da depressão e trauma, sonhei que estava sendo perseguida e acabei dando um soco, involuntariamente, o qual atingiu a cabeceira da cama e, por pouco, não atingiu a pessoa que estava ao meu lado. Nessa hora, eu percebi que ainda estava traumatizada e assustada, então resolvi escrever o depoimento na página macho na roda. (Entrevistada 21)

O raciocínio que extraímos dessas falas é de que a relatora, tendo vivenciado uma situação de violência e tomado consciência dos fatores inibidores (SARGOT, 2000) que a condicionavam naquele contexto, encontra na página *Macho na Roda-Belém* uma oportunidade de se autocomunicar (CASTELLS, 2013) e conscientizar outras mulheres que possam estar ou estão sujeitas a estas situações, com a esperança de "salva-las" de um sofrimento que ela sentiu na própria pele. Com isso, o conjunto destes relatos criou uma espécie de rede de proteção feminina e, mesmo que tenha sido de uma forma que possa ser moralmente condenável por alguns, para as relatoras a moralidade do ato residia na sua intenção.

SENTIMENTO/SENSAÇÃO	Nº DE CITAÇÕES
Alívio/Paz	10
Dor/Angústia	6
Apreensão/Medo	4
Raiva	4
Empoderamento	4
Dever cumprido	4
Acolhimento	2
Vergonha	2
Nojo	1
Culpa	1

Tabela 1 Número de citações de sentimentos/sensações nas respostas à pergunta 7) *O que sentiu ao escrever e enviar o relato?*

O ato de escrever e enviar o relato configura no que chamamos no decorrer da pesquisa de performances catárticas (REZENDE, 2014), e por meio delas houve uma descarga do acúmulo de emoções negativas referentes a situações de violência que as relatoras vivenciaram. Percebemos a efetivação desta descarga emocional quando notamos que o termo “alívio” foi o mais utilizado para explicar o que sentiram ao enviar o relato. O alívio é uma resposta positiva a uma necessidade comum às vítimas que é o desabafo, isto é, o desafogamento de suas emoções negativas:

O sofrimento e a dor fazem parte da violação e precisam ser ventilados e ouvidos. As vítimas precisam encontrar oportunidades e espaços para expressar seus sentimentos e seu sofrimento, mas também para contar suas histórias. Elas precisam que sua “verdade” seja ouvida e validada pelos outros. (ZEHR, 2008, p. 27)

Não podemos deixar de notar que “angustia/dor” aparecem como os segundos mais utilizados, estão relacionados a dor de reviver a violência sofrida por meio da escrita do relato e o receio de ser reconhecida e sofrer retaliações após a publicação.

[...] Fui uma das primeiras a enviar relato. Foi importante. Acredito que a página tenha servido como uma espécie de analgésico para as dores de quem sempre é posta em silêncio. Foi um alívio escrever, também foi um alívio observar as pessoas se indignando pelas coisas que aconteceram comigo. A página é importante também para que as mulheres se enxerguem nos relatos e tomem atitude em relação aos relacionamentos abusivos que vivem, antes de acontecer catástrofes maiores. Machismo mata, mutila e adocece - a página pode servir para chacoalhar agredidas e agressores. Aquelas para darem um fim no ciclo das agressões, estes, para entenderem que as mulheres estão se unindo e que as redes sociais são ferramentas poderosas e podem manchar a reputação de “macho certinho”. (Entrevistada 12)

É extremamente necessário para que as mulheres percebam-se dentro de relacionamentos abusivos, pois na maioria das vezes, a violência constante cria uma dependência emocional na mulher, que fica cega para tudo. Olhando outros relatos de mulheres que passaram pelas mesmas coisas (muitas vezes até com o mesmo cara!), você consegue se perceber naquela posição, consegue sentir empatia por si mesma e tentar dar um basta. Há também a questão do apoio emocional que nos é dado ao enviarmos um relato. Até as pessoas que não concordam são excluídas, para não constrangerem a relatante nem a culpabilizarem. É muito importante que esses machos (principalmente os que se dizem de esquerda, libertários, etc) enganadores sejam expostos e desmistificados, a fim de percebermos que todos são potenciais abusadores, cabendo a nós decidirmos perto de quem ficaremos ou não. E a página é ótima nisso! (Entrevistada 14)

A percepção das relatoras acerca da importância da página nos mostra que os objetivos iniciais das administradoras foram concretizados. Pela perspectiva das relatoras, a página *Macho na Roda-Belém* representa, quase na mesma proporção, uma rede de proteção para as mulheres residentes na região metropolitana de Belém, um espaço de acolhimento para mulheres que foram

violentadas e tinham suas vozes silenciadas ou desacreditadas por diversos fatores inibidores (SARGOT, 2000) além de também ser um meio de conscientização da sociedade em geral, mas acima de tudo, das mulheres, acerca dos contextos de violência a que mulheres estão submetidas.

### Referências

BERTHO, Helena. Por que a palavra da mulher não tem valor nas delegacias?. **AZ Mina**. out, 2016. Disponível em: [azmina.com.br/2016/10/por-que-a-palavra-da-mulher-nao-tem-valor-nas-delegacias](http://azmina.com.br/2016/10/por-que-a-palavra-da-mulher-nao-tem-valor-nas-delegacias), Acesso em: 14 de dez. de 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

REZENDE, Renata. A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook. **Culturas Midiáticas**. UFPB, nº 13, 2014. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/24498>. Acesso em: 14 de dez. de 2016

SARGOT, Montserrat. **Ruta crítica de las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en américa latina: estudios de caso de diez países**. Washington: Organización Panamericana de la Salud. 2000.

ZEHR, Howard. **Trocando as Lentes: um foco novo sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena. 2008.